



O DONO DO MAR

PRIMO da CRUZ ++++

Apresentar “O DONO DO MAR”, primeira exposição individual institucional que reúne e celebra a obra de Primo da Cruz (1983-2020) faz parte da política curatorial do Museu de Arte do Rio de não fazer distinção entre artistas já consagrados e artistas até então, desconhecidos do grande público. Para além disso, refletir sobre como se faz um Museu que, de fato, altere a lógica desigual de um sistema de arte. No repertório visual e temático do artista se destacam personagens do seu dia a dia, o cotidiano periférico, a paisagem carioca, a vida no cárcere, além do seu contato com a religião.

Compreender a produção das novas gerações de artistas contemporâneos é uma das nossas missões. Somos um equipamento cultural, mas também um espaço democrático onde a convergência de diversos protagonismos é cada vez mais importante e necessária. Por isso, abrir o MAR para artistas como Primo da Cruz, é garantir o compromisso de fazer do Museu um lugar de representatividade cada vez mais ampla, necessária e urgente.

Rodrigo Rossi

Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil

A exposição reúne trabalhos de um artista que se revelou através das interpretações da arte periférica, explorando diferentes linguagens, criando para si novas oportunidades através da arte. O Museu de Arte do Rio recebe a exposição de Primo da Cruz e o seu repertório como forma de garantir, dentro da esfera Institucional, uma afirmação da vivência ampliada da arte contemporânea com a vida.

Sabemos que a democratização do acesso aos bens culturais exige abrir portas e janelas para a arte produzida por maiorias, à qual - muitas vezes - não é dada a permissão de existir, nem o direito de se mostrar. Estender ao público do MAR o acesso, a permissão e o incentivo ao ver a realidade de Primo da Cruz, é mais que um objetivo, é um processo constante de remodelação dos espaços em que se celebram e promovem a arte e a cultura.

Sandra Sérgio

Diretora Executiva do MAR

Coordenadora Nacional de Projetos Especiais da OEI no Brasil

Os museus estão preparados para as iniciativas decoloniais? Quantos negros ocupam os cargos de liderança institucionais? O que significa portar privilégios em um espaço público? Os museus têm, de fato, a intenção de aproximar realidade e vida? A exposição *O Dono do MAR* nos encontra em sua mais simples configuração: a realidade vivida. A contracolonialidade é fruto, entre outras razões, dos desdobramentos do assassinato de um homem negro sufocado por um policial norte-americano. Não foi um estilo artístico que alterou o rumo da produção que circula nas altas rodas do atual sistema da arte. É importante lembrar que a arte ocidental tem na morte de Jesus Cristo um de seus renascimentos. Entre nós, o assassinato brutal de uma vereadora negra dispara uma revolta coletiva e encadeia perguntas diversas, tais como de que serve a arte e suas instituições? Queremos nos manter vivos ou criar cenas racistas fingindo inclusão social? Hoje, tendo como referência a vizinha do MAR Conceição Evaristo, nós “combinamos de não morrer”.

Primo da Cruz: O Dono do MAR chega a este museu que tem se dedicado à população em sua maioria negra, periférica, criada por mães solo, cujo destino se cumpre sem privilégios e sem heranças, enfrentando o racismo estrutural. Será que as medidas de reintegração de um sujeito cumpridor de penas legais são efetivas? Convivemos no comércio ambulante, nos trens do subúrbio, no cotidiano dos bairros com muitas pessoas que portam tornozeleiras eletrônicas ou que estão em restrição judicial. E quais são as oportunidades institucionais abertas a essas pessoas que poderiam se reintegrar ao coletivo que chamamos hipocritamente de “humanidade”?

O Museu de Arte do Rio apresenta a exposição *O Dono do MAR*, que reúne obras de Primo da Cruz, artista que articula a tão proclamada relação entre arte e sociedade. Nas obras, o vivido e o imaginado convivem com crenças, desejos, vislumbres de um jovem criado em uma favela, que conviveu com as complexidades resultantes do amor de uma família e do descaso do Estado brasileiro.

Marcelo Campos
Curador Chefe do MAR

O carioca Cristiano Abreu de Almeida, o Primo da Cruz, costumava se definir como cria da Rocinha, a maior favela do país. Ele nasceu em 1983, numa data muito simbólica para os cristãos: 24 de dezembro. Era o mais velho dos quatro filhos da empregada doméstica Eliane e conviveu pouco com o pai, um segurança que virou pastor evangélico.

Primo se dizia crente desde criança. O forte viés religioso, porém, não o impediu de se envolver logo cedo com a criminalidade. O menino abandonou a escola antes de terminar o Ensino Fundamental e, aos 12 anos, já praticava furtos. Beirando os 20, ingressou na facção Comando Vermelho, que o incumbiu de ser armeiro – o responsável pela manutenção de pistolas, revólveres, fuzis e metralhadoras. Paralelamente à rotina de contravenções, Primo se tornou dependente químico, condição que nunca conseguiu superar.

Na adolescência, cumpriu medidas socioeducativas em centros para menores infratores. Depois, entre março de 2002 e agosto de 2017, intercalou passagens por algumas penitenciárias do Rio de Janeiro. Suas detenções foram consequência de vários crimes: tráfico de drogas, roubo, porte ilegal de armas e desacato contra um agente de segurança prisional.

Assim que saiu da cadeia pela última vez, após oito anos e meio em regime fechado, Primo reencontrou o artista Maxwell Alexandre, seu antigo vizinho na Rocinha. Os dois brincavam juntos quando garotos. Por estar em liberdade condicional e precisar de uma oportunidade, Primo perguntou se podia trabalhar com Maxwell, que mantinha um ateliê na favela. O velho amigo topou e o contratou como assistente. O novo emprego contribuiu para Primo retomar a vocação artística que havia se manifestado na infância, mas que acabou sufocada. Mal pintou as primeiras telas, ele decidiu se rebatizar. O nome que adotou deriva tanto de seu apego à cruz cristã quanto do fato de Maxwell considerá-lo “primo do coração”.

As pinturas, esculturas, instalações e objetos criados por Primo da Cruz não raro usam materiais recolhidos nas ruas. São pedaços de madeira, fragmentos de eletrodomésticos, telhas, painéis, bandejas, antenas parabólicas e até quadros de autoria desconhecida. Os trabalhos espelham principalmente o cotidiano do artista, a “correria” (as operações policiais, os traficantes, o arsenal dos morros, a prisão) e a teologia evangélica (a Salvação, o Apocalipse, a luta do bem contra o mal).

A partir de 2018, Primo integrou A Noiva – Igreja do Reino da Arte, o que lhe possibilitou frequentar vernissages, museus, galerias e debates no Rio de Janeiro e em São Paulo. Fundada por Maxwell, Edu de Barros e Raoni Azevedo, A Noiva é uma congregação de artistas que propõem a adoração do que chamam de “Altíssima Arte” em rituais que subvertem elementos litúrgicos do catolicismo, dos cultos protestantes e das religiões afro-brasileiras.

Ainda que meteórica, a trajetória de Primo estabeleceu diálogos diretos e indiretos com diversos nomes da arte contemporânea, como Allan Weber, Edu de Barros, PV Dias, o próprio Maxwell e Felipe Carnaúba. Primo e o carioca Carnaúba dividiram, inclusive, um ateliê na Ilha do Governador. A dupla produziu, em parceria, uma série de painéis e quadros que retratam as interseções entre o consumismo, a cultura pop e as favelas.

Além de participar de exposições coletivas, Primo realizou três individuais no Rio de Janeiro, em 2018. As duas primeiras aconteceram na Rocinha e a terceira, no Rato Branco, um laboratório de experimentações artísticas.

Enquanto circulava pelos espaços culturais da capital fluminense, Primo conheceu o cineasta francês Alexis Zelensky e o jornalista paulistano Armando Antenore. Ficou amigo de ambos, que gravaram inúmeros encontros com ele durante quase três anos. Embora afirmasse que odiava estudar, o artista ingressou, em 2019, no Programa de Formação e Deformação da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Foi um aluno errático, que matava aulas, mas que seduzia os colegas pela irreverência, gentileza e criatividade. Ao longo do curso, se aproximou da professora e curadora recifense Clarissa Diniz.

Com certa frequência, Primo publicava vídeos e autorretratos de caráter ficcional nas redes sociais. Neles, desempenhava ora o papel de um bandido ingênuo e atrapalhado, ora o de um artista pop cheio de marra. Em dezembro de 2019, postou no Instagram a foto em preto e branco de uma frase impressa. A legenda não esclarecia do que se tratava. Quem olhasse a imagem veria apenas a inscrição **O DONO DO MAR** em letras garrafais. O enunciado misterioso poderia ser o título de um livro, um disco, um show, uma peça teatral ou... uma profética mostra no Museu de Arte do Rio – MAR.

No dia 6 de setembro de 2020, Primo da Cruz morreu na Avenida Brasil, sob circunstâncias violentas que nunca se esclareceram. Tinha somente 36 anos. Deixou duas filhas (Ana Clara e Ana Júlia), além de dezenas de trabalhos inéditos, muitos presentes nesta exibição.

O DONO DO MAR é uma de várias iniciativas que pretendem divulgar o precioso legado de Primo. A mostra sucede a exposição póstuma Mundo sem Paz, realizada na Galeria 5 Bocas, em 2022. Agradecemos a colaboração dos familiares e amigos de Primo, dos colecionadores que gentilmente nos emprestaram obras, da produtora Luiza Mello e de toda a equipe do Museu de Arte do Rio – MAR.

Alexis Zelensky, Armando Antenore, Clarissa Diniz, Felipe Carnáuba e Maxwell Alexandre



Depoimentos



“Eu não queria ficar em casa estudando. Meu padrasto me obrigava a estudar, mas não adiantava. Ele dizia que era pro meu bem e tal. Só que eu não curtia voltar da escola e passar duas ou três horas trancado, quebrando a cabeça. Pra quê? Pra poder ser alguém? Um doutor? Ou pra acabar trabalhando em serviço geral? Quanto mais meu padrasto me forçava a estudar, mais eu ficava irritado e queria fugir de casa. Mais eu queria ganhar a rua.”

“Sou artista desde criança, tá ligado? Sempre inventei coisas com palito de picolé. Sempre usei parafusadeira, broca, essas paradas. Eu desmontava meus brinquedos e montava outros bagulhos. Fazia arma, boneco, casa, prédio, castelo, escada. Construía até carrinho pros moleques que trabalhavam no mercado carregarem as compras das madames.”

“Cara, na real, nem sei o que pinto. Comecei a me inspirar no Max [Maxwell Alexandre], né? Nas pinturas que o Max faz. Eu pensei assim: ‘Pô, esse moleque pinta carro de polícia. Então vou começar a pintar minha vida no tráfico’. Aí, comecei a pintar bandidos, armas, policiais invadindo as comunidades. Pinte o inverso do Max. Se ele tá pintando a polícia, eu tô pintando a parte do crime, tá ligado?”

“Quero pintar, mané, porque é também uma forma minha de protestar.”

“Pelo que fiquei sabendo, tu querer entrar no mundo da arte é complicado. Tu, vindo de favela, sendo pobre... Pra tu frequentar exposição, galeria, ateliê, essas paradas, tu precisa ter dinheiro. É tudo caro no mundo da arte. Sorte que uns amigos me fortalecem. Eles pagam lanche pra mim, pagam o Uber, pagam as tintas. Se eu fosse financiar tudo sozinho, como ia ser?”

“Não adianta só produzir, produzir, produzir, igual um montão de artista por aí que fica produzindo e aguardando a hora dele chegar. A tua hora é tu que faz, mané. O bagulho é urgente. Se tu só ficar pintando e esperando, pode ser que, um dia, tu morra, e alguém te reconheça, e tu venda teus quadros, mas com tu já morto. Não quero esse futuro pra mim, não. Quero as paradas agora.”

“A Noiva, mano, é um lugar onde os artistas se reúnem. Eles vão ali pra trocar ideia, falar de arte e cantar umas músicas, tudo em comunhão. Só que A Noiva não tem poder nenhum. O único poder d’A Noiva é fazer tu acreditar em tu mesmo. É te dar esperança, coragem e força de vontade, mais nada, Poder de verdade, poder pra valer, só quem tem é Deus.”

“Eu, Primo da Cruz, sempre fui traficante. Sempre fui bandido. Como é que vai tirar isso de dentro de mim?”

“Na cadeia, eu ia na igreja, se ligou? Tava sempre jogando, fazendo esporte, frequentando a escola. Arrumei um telefone lá, o que é ilegal, mas não tem como não ter. Aí eu falava com a minha família aqui fora. Tentava distrair a minha mente pra ela não ficar vazia, porque, se ficasse vazia, era certo de eu começar a cair em depressão.”

“As armas fazem parte da minha vida. Construo armas pra retratar o mundo em que vivi e ainda vivo, né? As armas não causam estrago só no Brasil, mano. Se tu analisar minhas armas, é tudo estrangeira, tá ligado? E como as armas estrangeiras chegam aqui? Elas passam por quem? Na real, todo mundo se ferra com a porra dessas armas. Quando faço as armas, é tipo um protesto contra o sistema, sacou?”

“Mano, a droga só fez o papel dela: me destruir, tá ligado? E destruir as pessoas que tavam ao meu redor – minha mãe e minhas tias –, que se preocupavam muito comigo. Elas apostavam em mim. Queriam que eu saísse do inferno. Tentaram me botar em clínica, mas eu nunca aceitei essa porra. Eu achava que tava bem, que usava drogas porque queria. Sabe quando tu faz uma parada muito de rebeldia, sem ter necessidade de fazer? Eu insisti na rebeldia e quebrei a cara.”

“É horrível quando tu não tem domínio próprio, tá ligado? Tu é como uma folha seca... Tu é levado pelo vento pra qualquer lugar... Todo mundo sabe o que acontece com a folha seca, né? Ela é juntada, jogada no fogo e vira cinza. Eu nunca quis ser uma folha seca.”

“A justiça de Deus não falha, mané. Tu faz uma parada hoje e, amanhã ou depois, acontece um bagulho sinistro na tua vida. Tu tem que olhar pra trás e analisar o que tu fez de errado. No fundo, é tu mesmo que planta no passado os perrengues que tu enfrenta lá na frente, se ligou? É tu e pronto... Mano, não dá pra negar que plantei muita coisa ruim desde que nasci. Muita mesmo...”

“A Bíblia é um GPS pra nossa vida.”

“Meu nome não me protege. O que me protege é minha fé, correto? Nome não é nada, papel não é nada, corpo não é nada, dinheiro não é nada. Já a fé é tudo.”

“Imagino o Inferno do jeito que aparece na Bíblia. Ranger de dentes, cheiro de enxofre, as pessoas chorando de noite, os castigos... Tem muita gente que diz: ‘O Inferno não existe, é mentira, é caô. O Inferno é aqui na Terra mesmo’. Pois eu tenho certeza de que o Inferno e o Céu existem. O Inferno tá aí pra qualquer um, mas o Céu, não. O Céu é diferente. Tu tem que fazer por onde pra chegar até lá. Eu, por exemplo, se morrer hoje, vou direto pro Inferno, tá ligado? Porque não tô fazendo nada que a cruz me manda fazer. Nada, nada, nada.”

“Não preciso de pastor. O pastor serve pras pessoas que têm cabeça dura, que são ignorantes, que não entendem as coisas. Eu, mano, tenho muita intimidade com Deus, tenho muita facilidade de entender as coisas. Sei perfeitamente o que é certo e o que é errado. Se tô fazendo uma parada ruim, sei direitinho as consequências que aquilo ali vai me trazer. Não me engano, não.”



Ficha Técnica

O Dono do MAR – Primo da Cruz

Curadoria | Curaduría | Curatorship

Alexis Zelensky, Armando Antenore, Clarissa Diniz,
Felipe Carnaúba e Maxwell Alexandre

Acompanhamento Curatorial

Acompañamiento Curatorial | Curatorial support

Amanda Bonan, Marcelo Campos, Amanda Rezende, Jean
Carlos Azuos e Thayná Trindade

Produção | Producción | Production

Stella Paiva, Iuna Patacho,
Renato Vieira e Saturno Douglas
Estagiária: Juliana Feitosa

Projeto Expográfico

Proyecto Expográfico | Exhibition Design

Gisele de Paula

Assistentes de Expografia

Asistentes de Expografía | Exhibition Assistants

Alexandra Souza, Iolãos Coelho e Livia Faria

Designer Gráfico | Diseñador Gráfico | Graphic Designer

M. Dias Preto

Comunicação | Comunicación | Communication

Marcelo Andrade, Bernard Gotelip, João Gabriel Peixoto,
Priscilla Casagrande e Renata de Almeida
Estagiário: Luís Gustavo Carmo.

Laudos: Caio Corato

Museologia | Museología | Museology

Andréa Zabrieszach dos Santos, Bruna Nicolau, Isabela
Cruz, Luana Santos e Priscila Zurita
Estagiários: Davi Arcoverde, Graziela Simões, Júlia Costa,
Layla Vieira e Taina Ribeiro

Bibliotecária documentalista

Bibliotecaria Documentalista

Documentalist Librarian

Karen Merlim

Estagiárias: Sthefany Lopes e Myllena Lucio

Montagem das Obras | Montaje de Obras | Installation of
the Artworks

Marcos Inácio Meireles, Renato Dias, KBedim Montagem
e Produção Cultural

Iluminação | Iluminación | Lightining

Julio Katona

Cenotecnia | Escenotécnica | Scenotechnics

Detagek Cenografia

Equipamentos Audiovisuais

Equipos Audiovisuales | Audiovisual Equipment

Linha D

Libras | Lengua de Señas Brasileña

Brazilian Sign Language

Inclusive Acessibilidade

Moldura | Marco | Frame

Moldurax

Plotagem e Sinalização

Ploteo y Señalización | Plotting and Signaling

Ginga Design

Tradução dos Textos e Revisão

Traducción de Textos y Revisión

Text Translation and Proofreading

Adriana Maciel e Lia Mota – Numa Editora

Agradecimentos | Agradecimientos | Special Thanks to

Eliane Abreu de Almeida Antônio, Ana Clara Santos de
Souza, Ana Júlia Santos de Souza, Joana de Almeida
Antônio Andrade, Moisés de Almeida Antônio, João
Felipe de Almeida Antônio, Lucas Tolezano, Isabel
Cristinne Sanche Carvalho, Allan Weber, Luiza Melo,
Edu de Barros, Rosa Melo, Panmela Castro, Raul
Mourão, Cabelo, Paulo Nagao, Isabela Lov, Benedito
Correia Neto, Kentaro Mazur, João Lourenço, Ludmila
Mueller Leal, Cristina Barbosa, Elza Maria, Angela
Maria Cavalcanti de Albuquerque e todos os fiéis e
hereges da Igreja do Reino da Arte.

Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura apresentam



O DONO DO MAR

Primo da Cruz

MANTENEDOR



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



APOIO



PARCEIRO DE MÍDIA



GESTÃO



CORREALIZAÇÃO



APOIO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



REALIZAÇÃO



